



Os dois líderes na residência oficial do primeiro-ministro: quem vai morar ali?

INGLATERRA

## "Big Jim" x "Maggie"

*Entre o prudente Callaghan e a agressiva Thatcher, os ingleses ainda se mantêm indecisos*

O que teria a ver "Rinka", um garboso cão dinamarquês morto em 1975 por uma bala perdida, com as eleições gerais em que 41 milhões de eleitores britânicos votarão, nesta quinta-feira, para escolher um novo governo? Muito, ao menos para o crítico e novelista Auberon Waugh, candidato a deputado no distrito de North Devon, Inglaterra, por um "Partido dos Apreciadores de Cães". Waugh é um dos oito candidatos que, no distrito, enfrentarão Jeremy Thorpe, ex-líder do Partido Liberal. Thorpe atualmente está sendo julgado pela acusação de ter mandado matar um ex-modelo, Norman Scott, que alega ter mantido com ele uma relação homossexual no passado. No atentado, Scott nada sofreu — mas seu cão, "Rinka", foi baleado e morto.

Daí os ecos da morte de "Rinka" na atual campanha. Num ácido protesto contra a candidatura Thorpe, Waugh, que parece ter herdado a veia irônica de seu falecido pai, o escritor Evelyn Waugh, resolveu sair a campo, alegando: "Desde o caso do pobre 'Rinka', os cães, com toda razão, têm medo de an-

dar nas ruas de North Devon". É sempre assim, numa eleição britânica — as excentricidades são tão inevitáveis quanto as conversas sobre o tempo. Há, ao todo, 103 partidos concorrendo. Existe um candidato cuja plataforma é criar uma agência governamental exclusivamente para resgatar pessoas presas no cume de edifícios altos. Outra, uma senhora sempre vestida de roupas de couro prateadas, prega a restauração do antigo reino de Wessex, fundado pelos saxões no século V e precursor da Inglaterra propriamente dita. Em Dover, ao mesmo tempo, os eleitores podem votar num certo "Partido dos Tolos", enquanto em Manchester concorre um "Partido Feudal".

CONTRA A "AVENTURA" — Mas as questões principais em jogo, obviamente, se cingem aos dois únicos partidos que contam — o Trabalhista, no poder há cinco anos, e o Conservador, responsável pela maioria dos 2 572 candidatos e por uma disputa que, segundo os espíritos mais graves, seria "a mais crucial" da história britânica do pós-

guerra. De um certo ponto de vista, até que eles têm razão: desde a esmagadora vitória dos trabalhistas de Clemente Attlee sobre os conservadores de Winston Churchill, em 1945, os eleitores não se viam diante de visões teoricamente tão diferentes quanto ao futuro do país como as oferecidas agora pelos comandados do atual primeiro-ministro James Callaghan e de sua rival, a líder conservadora Margaret Thatcher. O consenso moderado em torno dos pilares do sistema britânico, conhecido por alguns como "Butskellismo" — derivado dos nomes dos ex-líderes R. A. Butler, conservador, e

Hugh Gaitskell, trabalhista —, foi, nesta campanha eleitoral, substituído por um claro, agudo conflito ideológico.

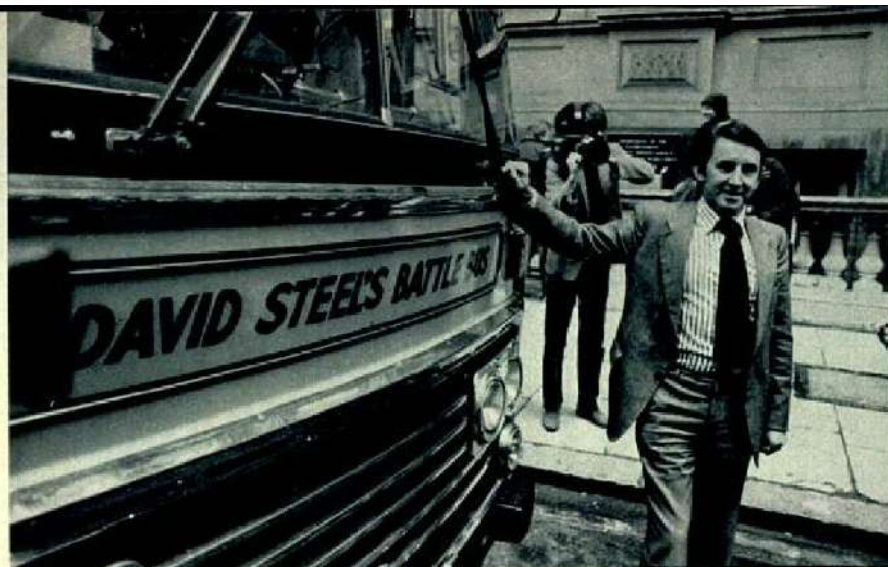
Curiosamente, os conservadores inclinam-se decididamente para a direita, enquanto os trabalhistas procuram uma atitude de centro, outrora ocupada por seus rivais, num geral deslocamento de posições. "Big Jim" Callaghan, 67 anos, é em teoria o líder de um partido de esquerda. Mas, há três anos no poder, e calejado por mais de três décadas de ativa militância política, tem procurado vender uma imagem serena — a de um homem de Estado pleno de sabedoria e compreensão, condescendente para com os adversários e defensor de colaboração com os sindicatos. É preciso ficar atento, diz ele, contra a "aventura" representada pelos conservadores.

"UMA MIXÓRDIA" — Por sua vez, Thatcher, 53 anos, há três e meio na liderança dos conservadores, tem outro tom. "Sou uma reformista", diz ela, "e estou oferecendo uma mudança." Ela promete novos e drásticos estímulos à iniciativa privada, e uma marcha-à-ré no que considera o "coletivismo" em que o país mergulhou sob os governos trabalhistas. "Para isso", diz Thatcher, "é preciso enfrentar a ditadura dos sindicatos" e impor limites a ações como greves e piquetes. No campo econômico, as promessas feitas pelos conservadores envolvem, entre outras coisas, um corte imediato no imposto de renda, inclusive dos ricos, a redução das despesas públicas e a privatização de vários

setores estatizados da economia. Além disso, os conservadores querem o "revigoramento da lei e da ordem" e uma severa política para conter a entrada de imigrantes.

E os trabalhistas, o que dizem? Seu diagnóstico não poderia ser outro: o programa conservador seria absurdo e inviável. "Trata-se de uma mixórdia de idéias mal concebidas", fuzilou o todo-poderoso Len Murray, líder da central sindical Trades Union Congress. "Como poderão os conservadores cumprir suas promessas?", indaga por sua vez o deputado Harold Lever, um dos cérebros da equipe econômica de Callaghan. "Acho que eles vão ter que vender os quadros das paredes para arranjar dinheiro." Exageros à parte, a verdade é que os conservadores não esclareceram o que vai ser feito para tapar o rombo de 4 bilhões de libras (200 bilhões de cruzeiros) no orçamento — ou até mais, segundo os trabalhistas — em razão da baixa que prometem no imposto de renda.

**APENAS 3%** — Sabe-se, apenas, que uma das áreas sacrificadas seria a dos benefícios pagos às famílias de trabalhadores em greve. Os conservadores, além disso, poderiam também vender as ações do governo em empresas como a British Petroleum e desnacionalizariam a indústria de construção naval e a British Aerospace. Há, ainda, a hipótese de venda da British Airways. Contu-



David Steel, o líder liberal: "O problema é esta mulher"

do, mesmo especialistas da City — um dos grandes centros financeiros do mundo, tradicional reduto conservador — não estavam convencidos, na semana passada, sobre como os liderados da senhora Thatcher poderão implementar toda a política que prometem. "A curto prazo, pelo menos, não fará muita diferença o partido que ganhar", diz o economista Andrew Richardson, do Banco Schroeder Wagg. "Ao votar por Thatcher, as pessoas estão votando pela idéia de uma mudança." Richardson, como muitos outros homens de negócios, aplaude a retórica da senhora Thatcher, mas mostra-se cético quanto à possibilidade de se alterarem três décadas de história de uma hora para outra.

Seria por razões como essa que o eleitorado mudou tão acentuadamente, nos últimos dias, sua inicial preferência avassaladora pelos conservadores? É difícil dizer. Mas o fato é que os conservadores, que mantinham nada menos que 30 pontos à frente dos trabalhistas nas pesquisas de opinião em janeiro passado, começaram a ver seu prestígio desabar à medida que se aproxima a data da eleição. A vantagem passou para 10 pontos há duas semanas, caiu para 5 no começo da semana passada e, no sábado, uma sondagem encomendada pelo conservador jornal *Daily Express* revelava que apenas 3% das preferências separavam os conservadores dos trabalhistas, cabendo 12% dos votos aos liberais, a terceira força da política britânica.

**"DAMA DE FERRO"** — A queda não terá sido por falta de empenho de "Maggie" Thatcher. Envolvida numa frenética campanha "à americana", nas últimas semanas ela fez incontáveis dis-

ursos, apertou milhares de mãos, costurou ao lado de operárias de uma fábrica de roupas, cortou carne ao lado de um açougueiro e posou junto a bezerros numa fazenda. Paralelamente, desde o primeiro dia do *tour de force* eleitoral, Thatcher não poupou ferroadas de todo tipo para o governo trabalhista, apeado do poder a 29 de março passado por uma moção de desconfiança no Parlamento, e corroído pelo desgaste de uma sucessão de greves que sua própria base sindical não conseguiu conter. Em toda parte ela sempre apareceu impecavelmente vestida em tons variados de azul — a cor dos conservadores. E sempre bem disposta, como convém a uma "Dama de Ferro", apelido que ganhou tanto por suas posições "duras" como por sua energia pessoal.

Segundo comentou recentemente um jornalista, "Maggie" seria dotada de tanto senso prático que, tendo se casado com o hoje aposentado executivo Denis Thatcher já a caminho dos 30 anos, "teve logo um casal de gêmeos para recuperar terreno". Filha de quintandeiros, ela teve que trabalhar como modelo para ajudar a pagar seus estudos de química. Mais tarde, apesar da origem modesta, concluiu o curso de Direito no santuário do *establishment* britânico, Oxford. Mas a deputada que poderá se tornar a primeira mulher chefe de governo da Europa em todos os tempos encontra resistências — às vezes pelo simples fato de não ser homem. "De mulher por aqui já chega a rainha", comentou um dia desses para a imprensa uma dona-de-casa. Outros, porém, como o líder do Partido Liberal, David Steel, preocupam-se com as idéias de Thatcher. "O problema não é que se trata de uma mulher", diz ele, "mas, sim, desta mulher." ●



QG de Thatcher: só 3% na frente